

## A. GARIBÁLDI

### ALGUNS ASPECTOS E FIGURAS DO VIMARANENSISMO

(Conferência realizada na Torre dos Almadas, sede da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, em junho de julho de 1971)

*Julho de 1971*

Minhas senhoras e meus senhores:

A meu ver, duas coisas, pelo menos, são necessárias para se falar de Guimarães: ciência e fervor.

Ciência vimaranensista, bem entendido, o que quer dizer: o exacto conhecimento dos seus costumes, dos seus trajos, dos seus anseios, da sua vida, da sua história, dos seus monumentos, das suas virtudes, dos seus defeitos, dos seus homens – e como resultado uma interpretação calorosa e afectuosa do tudo isso.

E se essa ciência me falta, julgo ter no entanto um pouquinho de fervor, no carinho bem merecido que sempre tenho dedicado aos assuntos de Guimarães,

Isto se justifica, porque nesta terra fui quase nado e criado, destino que por toda a vida tem enrodilhado o meu coração em flores roxas de saudade.

Ao discorrer, tudo farei por não cansar muito V.Ex.as.

Esta nesga de terra humente e atufada em verdura, que se chama Guimarães, encravada no coração do Minho e cercada de solares, sobressaiu, por seu valor histórico, que os monumentos documentam, sobre as demais terras que a rodeiam– e isto a fez terra ímpar no chão minhoto, e mais do que isso, terra irmã em grandeza de gesta e de fastos das demais terras da Pátria que por notáveis fastos e gesta se engrandeceram.

De seu primitivo nome "Vimaranes", por lúcida visão das legiões romanas, tinha o significado de "via do mar" – e foi esse mar já então adivinhado que nos havia de fazer grandes e imortais, conceito simbolizado nas estrofes de Henrique Lopes de Mendonça, a que Alfredo Keil deu acordes marciais:

"Heróis do mar, nobre Povo,  
Nação valente e imortal."

Já era então o destino do mar que nos entontecia e seduzia, em ânsia de glória– e que nos vinha, precisamente, dessa precursora "via do mar" simbolizada e definida na palavra "Vimaranes". Daí, sem dúvida, nasceu o destino da Pátria pela via de mar, ou "Vimaranes".

E ali, em S. Mamede, ao fragor das alabardas, o moço Afonso dava início ao desembaraço do chão lusíada, lutando contra Tareja leviana e formosa, que perda de amores nos braços do Conde de Trastâmara, fazia perigar a independência nacional, ao mesmo tempo ultrajando a memória do defunto marido e ela própria esquecendo o respeito que devia à sua dignidade de mãe e de viúva fidalga.

Definida a sorte das armas, em Guimarães começou essa gesta de glória, que por séculos aureolou a fronte augusta desta nação sem crepúsculo – e lá fomos, pela via do mar, civilizando, cristianizando, formando almas ao sol da portugalização, o que assombrou o Mundo e encheu de orgulho os peitos de lídimos varões, a ponto de que Camões exclamasse:

“E direis qual será mais excelente  
Que ser rei de tal povo, ou de tal gente”

Dessa "via do mar" – “vimaranes”– irrompeu o surto duma raça, em geito de predestinação, pelo que se admite que este chão de Guimarães foi a raiz de toda a nossa história, escrita ao som dos atabales e pela destreza das lanças, em gestos de heroísmo.

Só olhando esse passado de povo destemido, que queria ser livre, poderemos compreender melhor o presente, e sem dúvida formar melhor as veredas de futuro, que desejamos ao nível de nosso tempo, isto é, sempre na vanguarda da civilização.

O que aí fica serve para nos dar a definição histórica desse mundo que se chama Guimarães, cujo florescimento permitiu gloriosamente o florescimento da própria nação.

Bem entendido, não é no embalo dessas glórias passadas que poderemos ou deveremos olhar o presente e o futuro da Pátria, que mais do que a contemplação de glórias, exige o esforço de cada braço e a visão actualizada do cada mente, em arejado clima de concórdia, de progresso, de liberdade.

O vimaranense autêntico admira, exalta, mas não é servil. Faz parte do seu carácter a lhaneza sem subserviência. Na sua contemplação pelo passado adestra os passos do presente e do futuro – e é ver o dinamismo com que a terra e seu termo se erguem, se movimentam, se engrandecem e florescem. Não estagnam. À sombra venerável dos seus solares se erguem as torres triunfantes das usinas e ecoa o frémito aflaute dos maquinismos que constituem pacíficas barricadas de aço – e que são fecundas searas de pão, ao ritmo da nova idade.

**Aqui, milhares de almas criam riqueza, ora seguindo a tradição regional – e até nacional – de terra agrária, embaladas no eflúvio das leivas; ora enleando o torçal de ouro dos teares; ora cantando pelas tiorbas dos seus poetas ou pelos seus lavrantes de boa prosa portuguesa; ora orando a Deus pelo exemplo edificante dos seus clérigos de magnífico saber e de magnífica virtude. É povo de clara mente, que moureja, que sonha, que crê. E trabalhar, sonhar e ter fé robustece o coração do homem e engrandece qualquer pátria.**

Tudo isto, constitui a lídima afirmação humana duma população homogénea nos seus querereres e nos sentimentos do portuguesismo mais puro.

Isto só é possível pela fibra vimaranensista dos filhos de Guimarães, sempre afirmada no tradicionalismo da sua coesão.

Dessa fibra vimaranensista, mais ou menos exaltada e acesa, e sempre contagiante, resulta o vimaranensismo – que é escola, que é doutrina, que é maneira de ser.

O cidadão, de Guimarães, o filho da terra de Guimarães, ou seu termo, distingue-se em qualquer parte. Tem qualidades intrínsecas que o definem. É altivo, é fidalgo sem arrogância, é generoso. Afirma-o na maneira de ser, de viver, de falar, de conviver, de pensar, de sentir, enfim, nas indefiníveis mil e uma maneiras em que o pode e sabe manifestar. Um pouco de observação mais atenta confirmará isto que se esta afirmando.

**O vimaranensismo é escola que se repete de pais a filhos, através das gerações, e revela-se nas manifestações sociais, individuais ou colectivas dos filhos de Guimarães, ora no jornalismo, ora na política, ora na literatura, ora no seu espírito associativo, ora no convívio social.**

As suas manifestações colectivas, quer por amor da justiça, quer por meras distrações festivas, são todas elas eivadas desse espírito de vimaranensismo, no fervor e no calor com que se praticam e as vemos, de exaltação sem igual, abertas, contagiantes, sem reservas.

**Quer em públicos actos cívicos, quer em impressionantes gestos de afirmação bairrista, quer no esbordar de seu coração através do colorido dos seus festejos – a terra de Guimarães ergue-se sempre como um só bloco, firme na sua coesão e admirável no fidalgo romantismo com que afirma essa coesão.**

Tudo isto é que define a palavra "vimearanensismo" e o cálido sentimento que ela representa. Palavra de significado quase intraduzível, é no entanto vigorosa na expressão que representa, que patenteia, que revela, que exprime.

**Só uma feira de muitos anos de convívio vimearanense nos permitirá interpretar com argúcia o verdadeiro significado do vimearanensismo, em todas as suas manifestações mais puras, colectivas ou individuais, através dos seus veículos de cultura ou de mera expressão social.**

Daqui o repetir-se que o vimearanensismo, além de ser uma "maneira de ser", é doutrina e é escola.

**Doutrina e escola que nos têm dado, através dos tempos, devotos exemplares e afeiçoados, bem como discípulos que souberam transmitir o fogo da sua mensagem de pais a filhos, em caloroso ensinamento.**

Desse vimearanensismo, como qualquer outro que um dia passasse por Guimarães, também eu sofri a influência. Como leite que se bebe em opulento úbere materno, desde rapazinho hauri esse saudável clima de vimearanensismo – quando por 1925 minha família aqui arribou, pelas obrigações de meu pai ter de cumprir os seus deveres de militar, ali no 20. Já antes, de 14 a 18, ele acompanhara, como alferes, soldados de Guimarães, que se bateram e morreram na Flandres, e de que sempre me teceu os maiores encómios, por suas virtudes de heroísmo e espírito cívico. Não era de admirar, ao que depois fui vendo, pela vida fora. Esses bravos eram filhos de Guimarães.

**Pela escola de Santa Luzia decorreram meus primeiros surtos escolares e infantis, tendo por professor uma admirável figura do vimearanensismo, o padre Alfredo Correia, sabedor e exigente, que cumpria o seu magistério com incedível escrúpulo, tudo fazendo para que as crianças que a Pátria lhe confiava ficassem a saber e fossem no futuro cidadãos dignos, válidos e conscientes. Foi um exemplar servidor do Estado.**

**Mais tarde, no Pevidém, junto do túmulo onde repousa, os seus alunos lhe prestaram a justa homenagem que merecia, singela, mas expressiva, afirmando mais uma vez, e já homens feitos, o testemunho das lições que dele receberam, e nessa hora a nossa afirmação era de gratidão, que também é um dos mais formosos exemplos que o homem deve dar e receber na vida. Essa homenagem fora o fruto das lições que ele radicara nos nossos corações.**

**Ali, nessa escola, que hoje enrodilha o meu coração em flores de saudade, a par doutros professores cheios de bonomia, conheci essa inconfundível figura do vimearanensismo, que foi A. L. de Carvalho, quando nos embalava nos ensaios do seu "Auto de Flores", poema de cândida beleza. A sua voz metálica e a sua alva cabeleira romântica infundiam aliciante simpatia.**

Nesses ensaios dos meus tempos de rapazinho, conheci essa belíssima rapariga que fazia o papel de "Maria Parda", magnífica figura de mulher, cuja presença física, de esplendorosa juventude, irradiava encanto raro. Não pode ser esquecida no meu fervor vimearanensista.

**Da escola se transitou para o liceu, que a muitos ou a todos deixou lembranças imperecíveis. Que assim é, o justifica até a existência desta simpática Associação, que é fogo vivo desses tempos inolvidáveis que se viveram, que não voltam mais, é bem verdade – mas cuja chama de longe em longe reacende no calor dos corações que se lhe entregam e que a formam, como colmeia de almas que borboleteiam ao redor das cheirosas flores que constituíram o mais puro sonho desse passado.**

**Notável figura do vimaranensismo foi José de Pina, que toda a cidade de Guimarães conheceu e amou, por seus merecimentos e bondade. Pois tive eu a ventura de o ter tido por meu professor, no liceu de Guimarães. Como todos sabemos, era uma pessoa indulgente e pacífica, de quem mais tarde fui amigo, até hora da sua morte.**

**Igualmente a figura patriarcal do pintor Abel Cardoso me ministrou lições no mesmo liceu, e depois, mais tarde, quando me embrenhei pela Literatura, fizemo-nos amigos. Foi, também, uma figura cimeira de vimaranenses.**

**As festas nicolinas, que nós, os estudantes, promovíamos, eram a mais bela manifestação, da nossa juventude. Ainda hoje, quando as evocamos ao ribombar dos bombos, parece que o coração nos estremece de saudade e de emoção.**

**Ao som dos bombos, que em triunfo rufavam, plenos de pletora, percorríamos o concelho, visitando velhos paços ou solares antigos, que já nos esperavam com suculentas merendas de figos, nozes, e doçaria, e ainda com o melhor vinho das suas adegas, que nos alegrava os corações. Pelas suas serviçais, vestidas a rigor, que nos respeitavam, e que nós respeitávamos, os senhores nos mandavam servir esses magníficos repastos, nos melhores aposentos dos seus solares.**

**E era isto dias a fio, semanas a fio, pelas tardes nevoentas do Outono, enquanto a folhagem amarelecida se despedia do arvoredado e o sol apenas aparecia em fugidios bruxuleios doirados.**

**Como seria natural, sofriam os estudos, com essas digressões ruidosas, e baixavam as notas, na pauta. Mas a tradição havia de cumprir-se.**

**E com todo o luzimento se cumpria, em todas as suas fases, desde o "cortejo do pinheiro" ao "cortejo das maçãzinhas", ao "pregão", acto este em que eram declamados de cima duma carripana sonoros versos alexandrinos, que a população escutava enlevada e com interesse. Através desses versos, nem sempre perfeitos, mas sempre oportunos, fervia a verve do melhor espírito vimaranensista, criticando, exaltando, apostrofando. A multidão, ao redor da carripana, desabava em risadas onde havia um picante tempero de Mefistófeles.**

**Na maior parte dos casos, esses "pregões" eram escritos por poetas adestrados no manejo do verso comiciei, e sobretudo conhecedores das apetências do público. A crítica era incisiva e contundida.**

**Para a recepção das maçãzinhas vinham às sacadas e janelas as donzelas formosas, que recebiam esse fruto nas pontes das lanças, que em troca recolhiam uma prenda ou guloseima. Era um espectáculo cheio de garridice e de aristocrática beleza.**

**Por via de regra, as grandes terras dão os grandes homens. E estes, por sua vez, engrandecem as terras que lhes serviram de berço, numa interligação ou interpenetração recíprocas. Guimarães não poderia fugir à regra.**

**Assim, foi sempre o vimaranensismo servido por admiráveis e notáveis figuras, e fulcro e ninho de varões ilustres, na literatura, nas artes, na política, na sociedade.**

**Alguns conheci, por favor de Deus, e deles me permito fazer umas ligeiras referências admirativas e sentimentais. Referir-me-ei apenas àqueles que a morte já enrodilhou em seu gélido afago.**

**Perpassam ante os nossos olhos e a nossa recordação essas figuras votivas e cimeiras do vimaranensismo, que foram exemplos vivos da sua dedicação à terra de Guimarães, e exemplo e conduta que possibilitaram a proliferação de outros espíritos similares, que através das gerações se vão sucedendo. E apesar do clima prosaico e**

mercantil dos nossos dias, verificamos consoladoramente que até nas camadas mais jovens, sempre mais influenciáveis, esse clima de prosaico mercantilismo não tem conseguido destruir o espírito de vimaranensismo que lhes legaram os seus antepassados.

**Começo por evocar a figura de A. L. de Carvalho, de que já atrás falei, quando, ele dirigia os ensaios do seu "Auto de Flores", fazendo dos alunos da escola de Santa Luzia pequenos actores, que se souberam exhibir com graciosidade e ingénua beleza.**

**A. L. de Carvalho era uma das mais personificadas individualidades dadas ao amor de Guimarães. Participou em toda a vida vimaranense, em todos os movimentos colectivos cimeiros da urbe, conhecia as figuras da terra, sólidos no seu apego vimaranensista, e fazia-lhes justiça, apontando-as como exemplos a quem quer.**

**- Vê ali aquele? Dizia. E acrescentava: por baixo daquela fleuma ou indolência que parece mostrar, está um carácter com firmeza de aço.**

Era assim que ele se referia aos filhos de Guimarães. E alguns mos apontou.

**Seu olhar penetrante reflectia uma grandeza de alma sem igual. De farta cabeleira ao vento, cor de neve, de estatura meã, dir-se-ia que era o último romântico de Guimarães, agarrado aos mais belos sonhos.**

Quer no jornalismo de combate, quer na poesia, quer no teatro, afirmou-se sempre um espírito generoso e uma lavada alma. Muito lhe deve esta nobilíssima terra que ele tanto amou.

**Outra figura que evoco com respeito, é a de pintor Abel Cardoso. Em alegria de tintas e com a garra do seu grande talento de artista, toda esta paisagem maravilhosa que nos cerca se despejou nas suas telas, com abundância e frescura.**

A vida levou-o para Lisboa, a exercer o seu magistério— mas era aqui que ele se refugiava, sempre que as folgas o permitiam, coração pressuroso que corria para a quentura do seu torrão, ou como a ave que num fio de encanto buscasse o seu ninho ancestral.

**E por aqui passava longos meses, pintando e criando beleza, e aqui foi que a morte lhe fechou os olhos.**

Pela última vez que o vi, nos últimos anos da sua vida, já não era aquela figura atlética e desempenada que eu conhecera uns trinta ou quarenta anos antes. Encontrei-o alquebrado, presentindo talvez que o seu fim estaria próximo. E assim foi.

**No entanto, que admirável obra pictórica ele nos legou, muita dela falando de Guimarães e seus costumes – através da paisagem, dos monumentos e história que tão bem soube interpretar e sentir!**

**E a modéstia da sua vida! Certa vez, em que lhe pedi uns apontamentos biográficos e que me dissesse algo da sua actividade de artista – soube atender-me com a solicitude que era seu timbre, mas logo me recomendou e pediu que não falasse dele senão depois da sua morte. Por aqui se vê que era uma alma simples, um coração que não namorava a glória— e, no entanto, que glorioso espírito de artista ele tinha!**

**Cabe aqui falar de Dr. Abel Salazar, filho ilustre de Guimarães, e mais que quantos, cuja memória a terra tão mal tem venerado.**

**Escritor primoroso, pintor e escultor de raro merecimento, cientista de renome inter nacional, homem simples, modesto e acessível – Abel Salazar foi uma das mais fecundas e extraordinárias cerebrações da terra que o viu nascer.**

**Incompreensível, por isso, o silêncio que à roda do seu nome se tem feito na sua terra natal, que ele tanto honrou.**

**Lembro a sua palavra eloquente e calorosa, quando eu o visitava na sua tebaida de S. Mamede de Infesta, ou outras vezes em Oliveira do Douro, no vergel dum amigo onde ele costumava passar férias.**

**Era sempre proveitoso e avisado o seu conselho – e tantas vezes tive ocasião de ver e seu exacto conhecimento dos panoramas culturais que se desenvolviam por essa Europa além, homem integrado em todos os movimentos de cultura que se desbobinavam lá fora, e que ele conhecia como ninguém, sempre actualizado, sempre em dia com o conhecimento dos mais profundos estudos que se inseriam nas melhores revistas ou publicações europeias e até da América Latina.**

**Tive ocasião de o constatar. E não constituirá novidade nenhuma afirmar-se que Abel Salazar era a personificação mais perfeita do verdadeiro "clerc".**

E facultava-nos esses estudos, para que os conhecêssemos, dadivosamente, de espírito generoso e largo, um dos mais largos espíritos que me tem sido dado encontrar, como se acaso muitos de nós, leigos na matéria, estivéssemos preparados para abarcar a matéria científica ou filosófica contida nesses estudos. Mas o sábio é sempre assim – e como sábio que era, Abel Salazar não fugia à regra. Procurava comunicar a todos as revelações da ciência e da cultura, que no entanto, pela estatura delas, não estavam ao alcance cultural de todos.

A propósito, lembro que certa tarde, em que o visitei em Oliveira do Douro, eu e outro camarada nas letras, Abel Salazar nos levou para o jardim, que era maravilhoso e frondoso e onde apenas se ouviam doces murmúrios de águas e pássaros. Pois Abel Salazar nos obrigou a ler uma revista francesa, que levava debaixo do braço, de natureza científica, o que para nós, com é bem de ver, constituiu uma estopada, que por delicadeza tivemos de suportar. Não se faz ideia da nossa angústia, nessa conjuntura, até porque tínhamos hora certa para estarmos em determinado local. Mas bem se vê que o sábio mestre não o fez por mal – antes queria (porque era sempre a sua preocupação dominante), que os outros comungassem do seu saber, até aqueles que tinham menos acessibilidade aos assuntos versados. Repete-se: os sábios são assim.

E é de admitir que, depois de Martins Sarmiento, nenhum outro vimaranense, além de Abel Salazar, alcançou um renome internacional tão retumbante.

**Foi um nobilíssimo filho de Guimarães, que pelos primores do seu carácter rectilíneo bem como pela multiplicidade da sua cultura, repartida pelas mais diversas manifestações da arte e do pensamento, muito honrou o vimaranensismo.**

**Sempre em dias de procissões, em Braga – minha terra natal – um vimaranense bom e discreto eu topava por lá, apagadamente, observando e enlevando-se na costumeira tradicional desses cortejos religiosos. Era Alberto Vieira Braga.**

Esse homem tinha tanto de modesto, como de merecimento. Entre o povo anónimo, ensimesmado e arguto, ninguém diria que andava ali um dos mais operosos e brilhantes pesquisadores da história e costumes e usanças do burgo vimaranense e suas redondezas.

**Profundos e cheios de honestidade literária são os exaustivos trabalhos que nos legou e outro mesteiral desse ofício se não topa que lhe desse seguimento.**

**Trovador que foi, Alberto Vieira Braga tinha a formação mais perfeita do pesquisador paciente dentro duma compleição de cenobita.**

**Quando o topávamos, e de longe o observávamos, com seu ar de criança distraída, de passo lento e arrastado e mãos nos bolsos do amplo sobretudo,**

humilde e absorvido em pensamentos longínquos, tínhamos a impressão de que alguma sombra toldava o seu coração; mas quando dele nos aproximávamos, a sua alma abria-se para nós em cândidos e cordiais afectos, simples, naturais, desartificiosos.

Era um homem bom de Guimarães, de viver e sentir quase franciscanos, recolhido como flor rara – porque rara e bela era a sua conduta perante a vida e perante os homens.

Legou-nos uma obra de objectiva curiosidade vimaranense, plena de valor imperecível – e como outra se não fará tão cedo.

Pelos caboucos dessa obra que anos a fio foi reunindo para a valorização e conhecimento do folclore e costumes de Guimarães, esta terra muito lhe deve, e fará minga que um dia saiba honrar a sua memória de dilecto vimaranensista e de escritor laborioso.

Conheci Alfredo de Guimarães, certa tarde, no Café Oriental. Fui-lhe apresentado por essa admirável figura de hiper-civilizado, que foi o Dr. Manuel Monteiro.

Todos sabemos que Alfredo de Guimarães foi um crítico d'arte sabedor e exigente. Exactamente, essa exigência filiava-se na sua competência.

A prova disso temo-la nessa bela jóia que é o Museu Alberto Sampaio, que ele engrandeceu e opulentou, com o seu carinho e com a sua ciência.

Parecendo, por vezes, um carácter áspero, sabia, no entanto, fazer justiça aqueles que a mereciam. Tive ocasião de o verificar.

Não fica mal que o evoquemos, antes é justo, nesta ronda daqueles que bem serviram o vimaranensismo, e tantos foram!

Muitos, que nem cheguei a conhecer, e no entanto foram notáveis – pois apenas me limito a referir alguns daqueles com quem mais lidei de perto, ou que, não lidando com eles, se me tornaram figuras cimeiras e simpáticas no proselitismo a que se deram por seu fervor vimaranensista. A essa estirpe pertenceu Alfredo de Guimarães.

Uma das figuras notáveis do vimaranensismo foi o Dr. Alfredo Pimenta. Nunca falei com ele. O nosso trato foi apenas epistolar. As suas cartas eram verdadeiros hieróglifos, de arrevesada caligrafia. À primeira vez, tratava logo as pessoas por amigos. De longe, creio que apenas o vi uma vez, em Braga, todo vestido de preto, de grande chapeirão, de monóculo faíscante. Acompanhava o falecido jornalista Manuel Araújo, de quem era amigo.

Alfredo Pimenta era um combatente estrénuo pelo seu ideal. Toda a vida o foi, nas várias e dispares nuances políticas em que se embrenhou – acabando por morrer fiel ao credo monárquico, pelo qual se bateu com desusada e ígnea paixão. O combate a que se dava era por vezes de violência excessiva, atingia o rubro. Era um paladino exaltado. Isso lhe valeu, entre os seus sequazes, admirações ferventes. Era tido por eles como um chefe. Doutrinava com dureza.

Mais do que político, eu admirei-o sobretudo como homem de letras, de raro merecimento, que era.

Volta-e-meia vinha a Guimarães, refugiando-se na sua casa da Madre-Deus. Amava a sua terra, com puro amor. Muito lhe queria. É justo dizer-se que foi um notável filho desta nobre cidade. Honrou o vimaranensismo.

Outro que conheci foi o Dr. Américo Durão, Nunca lhe falei. Mas mantivemos, durante muitos anos, um trato epistolar amistoso. Ele não era de Guimarães, como sabemos, mas aqui se deteve largo tempo, à frente da secretaria

do Município.

Poeta admirável, de primeira água, aqui compôs alguns dos seus melhores versos, aqui sonhou e aqui ficou preso aos liames do vimaranensismo, que o ataram a esta terra, não a esquecendo nunca, mesmo depois de se ter ausentado para Lisboa, como funcionário da câmara alfacinha.

E a prova do seu afecto a esta terra, é que de longe a longe enviava a sua magnífica colaboração literária à imprensa vimaranense, honrando a cidade que com justiça o admirava.

Foi e mais alto poeta português que passou por Guimarães. Poeta que merecendo a glória, não a atingiu, por circunstâncias que bem mal se explicam, quando ele ajudou a guindar à glória notáveis estros literários de seu tempo!

Poeta de raiz lusíada saudosista, pode considerar-se sem favor um claro espírito vimaranensista, pela amorosa e amável servidão que deu a esta terra, quer pelas finuras do seu sonho poético, quer pela prestância da sua actividade oficial.

Justo é que o vimaranensismo o eleja como uma das suas figuras de primeira grandeza. Bem o merece a sua digna memória.

Desde muito novo radicado em Vila Nova de Gaia, Delfim Guimarães (Vimaranes) foi um poeta que aqui nasceu, e que muito estremeceu a sua terra.

Ele era dando a sua copiosa colaboração à imprensa vimaranense; ele era compondo os "pregões" para os bandos escolásticos das festas nicolinas; ele era trazendo sempre, como flor em garrida botoeira, o nome de Guimarães no coração e na inteligência, avivando-o, grifando-o até no pseudónimo que usava!

Enleado na teia prosaica da sua actividade industrial, não deixava, no entanto, o seu espírito intoxicar-se desse prosaismo, e assim é que cultivava a poesia com graciosa galhardia e acalentava no coração o fogo do seu ideal republicano, na esperança de que um dia viesse um mundo melhor para todos os homens.

Foram estes dois aspectos os que mais distinguiram o seu carácter. Mas, mais do que isso, era notório e invulgar o fervor com que ele adorava a sua terra. De poucos tenho conhecido tão acendrada paixão. E disso todos nós nos demos conta, em seu luminoso deambular pela vida terrena.

Para o Delfim, Guimarães enchia toda a sua existência. Foi, quanto a mim, uma das mais acesas devoções vimaranensistas que me tem sido dado apreciar. Era sem limites o seu afecto por Guimarães. E toda a sua obra literária é eivada de vimaranensismo. Vimaranensismo que no entanto já mal vai recordando o seu nome de canceiroso cavaleiro vimaranense!

Sempre tive uma grande e especial admiração pelo Dr. Eduardo de Almeida. Deve dizer-se que era dos raros filhos de Guimarães que a mereciam. Confinado ao seu meio, ele seria grande em qualquer meio onde estivesse, não só pelo seu grande talento literário, mas também pela sua elevada craveira profissional e ainda pelos primores da sua alma.

Quando o falecido Dr. Manuel Monteiro foi ministro, nos primeiros anos da República, o Dr. Eduardo de Almeida foi nomeado, seu secretário particular. Isto só diz que Manuel Monteiro, profundo conhecedor dos homens, sabia dar-lhes o merecido valor e escolhe-los.

Cedo Eduardo de Almeida abandonou o grande mundo da política, recolhendo à sua casa de Guimarães, escrevendo intensamente, porque a sua maior paixão eram as Letras.

Como todos sabemos, legou formosas páginas à literatura portuguesa, cheias de calor humano e da observação mais arguta.

Tinha ainda o carácter de Eduardo de Almeida uma faceta digna do maior apreço e que de sobejo conheci: é que sabia ser amigo do seu amigo, virtude rara que ele cultivava no mais elevado grau, delicadamente, abnegadamente.

A última vez que o vi e lhe falei foi numa festa de aniversário do jornal "Notícias de Guimarães", realizada no Grémio do Comércio. Enquanto todos, ruidosamente, celebravam o evento à roda de lauta mesa, Eduardo de Almeida, apagado, refugiou-se para um canto do salão, conversando com um ou outro amigo. Já nessa altura era pouquíssima a sua saúde, e logo se notava que era um brilhante espírito a despedir-se do mundo. Jamais esqueci esse momento e esse discreto canto do salão, que escutou a sua voz cava que tinha certamente adivinhações dum reino de além de alma muito próximo. E assim foi. Pouco durou.

No entanto, neste roteiro de vimaranensismo que vimos enunciando, a sua memória e o seu nome ilustre surgem em lugar cimeiro, por bem o merecerem.

Tinha toda a formação da geração a que pertenceu, geração que deu os maiores destinos a Portugal, e que nem sempre foi feliz. Nem sempre foi feliz, ou compreendida, mas isso não desmerece a sua virtude e o seu valor. Eram espigas altas e fecundas, e são elas as que o vendaval mais atinge. Pois Eduardo de Almeida era desse estirpe nobilíssima.

Por décadas e décadas, e dia a dia, as crónicas de Guimarães foram narradas, com a cadência isócrona do cair da água duma fonte.

E os factos, e os acontecimentos, e as notas, tudo isso era citado com devoção de formiguinha diligente que cumpre o seu fadário. E quem assim cumpria tão devotada missão, perguntar-se-á.

Mas breve todos nos daremos conta que outro não poderia ser esse operoso cronista da vida vimaranense, senão o jornalista João de Deus Pereira, que todos conhecemos e a quem demos estima, que morreu entrado em anos e em ciência de Guimarães.

Homem simples e afável, no jornal que representava fez a história quotidiana desta terra e sua terra, e à qual bem serviu.

Se os homens valem pela diligência e constância do seu labor, bem pode aplicar-se a João de Deus Pereira essa valia.

Valia que é tanto maior quanto a modéstia da sua vida de afadigosa mestre-escola a quem gerações e gerações sucessivas deveram a luz das primeiras letras, que para muitas vidas significam o clarão do primeiro Sol fecundante e a certeza do amanhã de pão!

Dentro dessa modéstia tão simpática, João de Deus Pereira foi por todos os títulos uma das mais eficientes, práticas e proveitosas figuras do vimaranensismo. Merece a homenagem mais cálida de todos nós.

**Volto a falar em José de Pina. Foi uma figura que a todos infundiu simpatia e respeito. A sua simplicidade e a sua bonomia eram encantadoras. Por essas qualidades se agigantou na vida e perante os seus concidadãos.**

**Benquisto e indulgente, não se lhe conheceu um recesso menos claro da sua alma. Era cristalino o seu viver, dadivoso, manifestado no préstimo que oferecia ao**

seu semelhante á frente da corporação dos Bombeiros Voluntários, vidas que mais pertencem aos outros, em sacrifício e abnegação, do que a si próprias.

Esse préstimo foi dignamente reconhecido pela Cidade, quando publicamente homenageou já em seus anos derradeiros, José do Pina – que recebeu a manifestação de simpatia e gratidão com o coração a esbordar nos olhos, que se lhe encheram de lágrimas, como a melhor maneira de traduzir ou confessar o que ia na sua alma.

Estou a vê-lo nesse transe de comoção, enrodilhado na sua capa, humilde e ao mesmo tempo grandioso. E recordo com saudade o abraço que lhe dei – e que foi o último. Justo que lembremos esse varão bondoso.

Um vimaranense distinto que devemos citar, e hoje já bastante esquecido, foi Leão Martins. Era um poeta de elevado merecimento, como todos sabemos, da estatura de Augusto Gil ou João Saraiva, no cultivo da sátira, que na sua pena fulgia como farpas de oiro, mordentes e picantes.

Um dia, o destino levava-o para o Brasil, como emigrante. Por lá andou, em anos pouco risonhos ou sem fastígio, mourejando. Lá mereceu a estima e o apreço de Rui Chianca, intelectual de notável gerarquia.

**Roído de saudades pelo torrão natal, ou até porque a vida não corria de feição, regressou a Portugal, sempre com os olhos e o coração postos em Guimarães. Honrou o vimaranensismo.**

Apagadamente, acabou seus dias na cidade do Porte, onde por vezes passámos horas de agradável tertúlia, ligados às coisas do espírito, que nos apraziam.

Recordo a sua conduta encantadora, em que sempre se manifestava a luxuosa flor da sua veia poética, ao jeito de Juvenal. Foi um filho ilustre de Guimarães, saibamo-lo todos.

Não conheci Luís Filipe Coelho, a não ser de vista. Lembro o seu jeito de corpo curvado e a sua figura popular perdida e achada pelo formoso Café Oriental, centro e cenáculo de tantos e tão belos espíritos, e que a lava da avalanche bancária sepultou.

Era homem dos jornais e tenho a ideia que era um jornalista combativo, vindo daquele tempo em que o jornalismo não sofria limitações e em que aqueles que o serviam se batiam com galhardia pelas causas que defendiam, quaisquer que fossem.

**Luís Filipe Coelho era dessa fibra inconformista, mas tenho referência, pelo que tenho lido, que era um altivo e generoso coração.**

**Independentemente das suas convicções políticas, que defendia com ardor de vigoroso paladino, advogava sempre a causa de Guimarães, com a ardência dos valorosos combatentes.**

E assim é que o vimaranensismo ficou a dever-lhe muito – e volta-e-meia a sua memória lembrada com respeito, admiração e gratidão. Tudo isso merece.

Nesta ronda de figuras de Guimarães, que venho fazendo de forma sumária, termino por Torcato Mendes Simões, comerciante e poeta, mas mais poeta do que comerciante – e que não sendo daqui, a esta terra se afeiçoou, considerando-se seu filho.

**Era das bandas de Felgueiras, e para aqui veio menino de 9 ou 10 anos. Pode considerar-se desta terra, porque sempre a acarinhou e soube interpretar o espírito vimaranensista como poucos.**

**Todos sabemos que era um poeta de elevado merecimento, de acentuada índole cristã, versado nos clássicos latinos, o que o favorecia no esmero da sua obra.**

**E latinista que era, sabia entender e cumprir com competência a ditame do prolóquio "primum vivere, deinde philosophare"– congraçando a sua actividade de homem de negócio com a de homem de letras: tinha a vida comercial para viver, e para filosofar a poesia, – e poesia da mais pura, e clara e transparente que nos deu,**

**Dotado de uma rara intuição assembleísta, aspirava e sugeria que todos os poetas, escritores e artistas de Guimarães se agremiassem numa tertúlia, ideia simpática, sem dúvida, mas que nunca chegou a concretizar-se.**

**Essa intenção tão meritória era no sentido de prestar um bom serviço espiritual ao vimaranensismo, congraçando esses homens em alevantadas reuniões em que fosse cultivada a flor do espírito, não esquecendo a par disso os prazeres que fossem caros ao estômago.**

**Mas a doença veio destruir todos esses anseias e planos do Torcato, que entendia, e muito bem que viver não é senão conviver: conviver pelo cérebro e pelo coração.**

**Foi esse coração que deixou de pulsar quando a morte o veio colher, ao Tercato, quando o embalava mais esse belo sonho de ser útil a Guimarães – e que bem poderia ter sido uma promissora realidade.**

**São essas figuras todas – e muitas outras que se não citaram, por desconhecimento delas, ou até para fugirmos à prolixidade – que têm formado, desenvolvido, aquecido este espírito de vimaranensismo que mana como a seiva de seio úbere – que tal é toda a terra. de Guimarães.**

**Hoje são mortos gloriosos – mas consolamo-nos sabendo que os vivos continuam e perseguem a glória que os aureolou.**

**Foi a lição nobilíssima que a todos os filhos de Guimarães vindouros, e de todas as gerações, eles legaram.**

**Mais duas palavras sobre dois aspectos vimaranenses que se nos afiguram de interesse, e com brevidade, para não fatigarmos V. exs.**

**Referimo-nos á actividade jornalística de Guimarães e ao espírito associativo da terra.**

**Desde longa data, teve sempre a cidade uma imprensa altiva, de grande ardor combativo, quando se embrenhava nas pugnas políticas, e sempre imbuída do mais caloroso fervor bairrista.**

**Aqui temperaram as suas penas jornalistas de fibra opulenta, praticando a mais perfeita deontologia jornalística, servida pelo aticismo dum estilo puro e pela mais desempenada e viril verve polemística.**

**Destacaremos o saudoso padre Gaspar Roriz e o já citado Luís Filipe Coelho, que teve um jornal, cremos que intitulado "A Razão", que deixou fama pela ardência e independência da prosa que inseria.**

**Vieram outros tempos que sujeitaram a Imprensa a um condicionalismo já de nós todos conhecido, reduzindo ao silêncio esses polemistas ou articulistas de garra, pelo país fora.**

**Esse condicionalismo jamais aviltou, porém, a Imprensa de Guimarães, que sempre se soube comportar e valorizar com a dignidade própria da índole da população que orientava e servia. Grande Imprensa é essa– quando assim é.**

**Já vi referido, algures, que é notável o espírito associativo dos vimaranenses. Isso é verdade. Proliferam as agremiações em Guimarães, dos mais diversos géneros. Isso só atesta, e dum modo nobilitante, a excepcional vivacidade**

dos filhos da urbe. E não só revela vivacidade, mas também, e sobretudo, a preocupação de unidade que a todos caracteriza, e que já é, de resto, qualidade tradicional dos naturais da terra.

È de exaltar esse espírito associativo, e de desejar que não pereça, antes se ramifique cada vez mais.

E sabemos que esse espírito assembleista fervoroso, para ter bom saber, e pela força do uso, deverá culminar, e culmina sempre, ali nas opíparas mesas do Jordão, onde ao fim cachoa a oratória mais inflamada.

Seria decerto um aspecto talvez de acentuar a posição industrial do meio vimaranense, mas não nos deteremos em tal ponto, que embora faça parte da vida do concelho, não faz parte da sua maneira de ser.

A industrialização, com as virtudes e defeitos inerentes, é comum na sua semelhança em todos os pontos onde lança os seus tentáculos ou desenvolve a sua esfera de acção.

Ou por emulação, ou por necessidade, é a tentativa e a afirmação dramática do homem, na sua luta pela sobrevivência. Podem diferir os processos de aplicação dessa luta; mas o que interessará, sobretudo, é que o homem não perca a sua humanização e até a sua humanidade, perante a frieza impassível da máquina ou o volume dos cifrões.

**O surto industrial lança, sem dúvida, as populações no rumo do progresso—mas tira-lhes o carácter, promovendo uma estandardização desse mesmo carácter.**

Felizmente, verifica-se que a terra de Guimarães, apesar do seu clima de industrialização, tem sabido resistir, com a galhardia que lhe é própria, àquilo que poderia descaracterizá-la. Deve-se isso aos seus homens ilustres que afincadamente, pela acção e pelo exemplo das suas vidas, a todos e a tudo têm sabido insuflar o formoso espírito do seu vimaranensismo sem velhice.

**Uma das facetas do carácter do vimaranense é o apego ao seu chão natal. E embora muitos – e são milhares – andem amanhando por longe o pão de cada dia, nem por isso eles se esquecem da quentura lareira da sua terrinha – e de longe lhe acenam, em lembranças e afectos, com os lenços brancos da sua saudade e da sua recordação que não perece.**

Dum modo geral assim é o minhoto, mas de maneira mais acentuada assim o faz o natural de Guimarães. E reúnem ao longe e ao perto, sempre com os olhos postos na consoladora imagem da terra que os viu nascer, – e que lembram na doçura dos seus horizontes, no tipismo das suas ruas e ruelas, no timbre dos seus sinos, na patine dos seus monumentos.

Estas sentimentais manifestações de vimaranensismo dão-nos a lição do homem que ainda crê que a vida pode ser bela no halo luarizado da recordação, e que jamais olvida o chão natal.

Entende-se, porém, que uma paixão vimaranensista sem mácula deve excluir o espírito de rivalidade ou retaliação entre localidades – porque todas são parcelas da Pátria, que sempre desejamos forte e unida.

Quando aqui vimos, em digressão, em peregrinação, em obrigação ou necessidade, sempre encontramos flanando aquelas criaturas que conhecemos na nossa infância ou na nossa juventude – que aqui nasceram e se criaram, e donde nunca saíram mais. Felizes vidas!

Porque é rara felicidade aquela dos que nascendo na terra que lhe foi berço, nela amaram, e viveram e sofreram, e os acolheu no derradeiro sono – sem precisarem de demandar outros mundos, no amanhe do pão.

O que fica dito, todos nós o sabemos, e todos nós o sentimos.

**Eu não trouxe nada de novo, bem o sabem V. Ex.as. Apenas me limitei a fazer (se bem o fiz) um discurso simples, mais ou menos poetizado, tocado por um ténue fio de nostalgia.**

**Mas nunca é de mais repetir e focar estes aspectos que o vimezanensismo nos dá ou nos inspira, como lume novo sempre aceso na pira dos nossos corações, onde se derramam as essências da saudade.**

E é dela que vivemos, da saudade, a que Garrett muito propriamente chamou "gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho".

A. Garbáldi  
*Comendador da ordem de mérito Hispano-Belga,  
da Bélgica*  
**Julho de 1971**